

## JOGOS E DRAMATIZAÇÕES NA PROMOÇÃO DA LUDICIDADE E DA MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Prof. Dr. Renan Antônio da Silva

A palavra educação vem do verbo educar. No latim, *educare*<sup>1</sup> literalmente significa conduzir para fora. Martins (2005) indica que há neste verbo o sentido de criar uma criança e fazê-la crescer. De acordo com Haydt (2011), o verbo em latim indica que a educação é algo externo concedido a outra pessoa. Etimologicamente pode-se afirmar, segundo Martins (2005, p.33), que “educação, do verbo educar, significa trazer à luz a ideia ou filosoficamente fazer a criança passar da potência ao ato, da virtualidade à realidade”.

Segundo Haydt (2011), a educação ao longo do tempo tem sido empregada em dois sentidos: individual e social. O Quadro 1 demonstra as diferenças afirmadas pela autora.

**Quadro 1-** Aspectos da palavra educação ao longo dos tempos

ASPECTO SOCIAL	Ação que as gerações adultas exercem sobre as gerações jovens, orientando sua conduta, por meio da transmissão do conjunto de conhecimentos, normas, valores, crenças, usos e costumes aceitos pelo grupo social.
ASPECTO INDIVIDUAL	Refere-se ao desenvolvimento das aptidões e potencialidades de cada indivíduo, tendo em vista o aprimoramento de sua personalidade. Nesse sentido, o termo educação se refere ao verbo latino <i>educare</i> , que significa fazer sair, conduzir para fora.

Fonte: Adaptado de Haydt (2011)

---

<sup>1</sup> O termo latino *educare* é composto pela união do prefixo *ex*, que significa “fora”, e *ducere*, que quer dizer “conduzir” ou “levar”, [www.dicionarioetimologico.com.br](http://www.dicionarioetimologico.com.br).

A educação é para o ser humano um meio de contribuir para seu conhecimento, crescimento intelectual e sua relação com o meio e com outras pessoas. Delors (2012) afirma que a educação desempenha um papel de importância no desenvolvimento das pessoas e das sociedades “[...] de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões e das guerras”.

Segundo Peterossi (2018), “Educação é uma prática social historicamente situada”, sendo a pessoa influenciada por muitas variáveis em seu período de vida: sua ambiência familiar, cultural, regional, aspectos psicológicos, tecnologias presentes, crenças, costumes, período histórico entre outros aspectos definem, de forma mais abrangente, a educação e sua importância e relevância na vida do indivíduo.

Para Piletti (2004) a ideia de educação depende da realidade e dos valores da sociedade na qual o indivíduo está inserido, e o autor conclui que não existe uma forma única nem um único padrão para a educação.

Essa importância da educação na vida do homem é apontada por Delors (2012), que, sendo o homem devidamente esclarecido, consegue contribuir não somente para o seu próprio desenvolvimento, mas também para a da sociedade da qual é participante.

Um dos principais papéis reservados à educação consiste, antes de mais, em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades (DELORS, 2012, p.82).

De acordo com o autor “[...] à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS, 2012, p.89). Sendo assim, identificando a educação como algo maior do que um acúmulo de conhecimentos. Ainda de acordo com o autor, a educação necessita subsidiar o homem para que ele, a cargo de sua bagagem escolar, possua também recursos intelectuais que o permitam explorar e aproveitar para ser apto a se adaptar a um mundo em mudança.

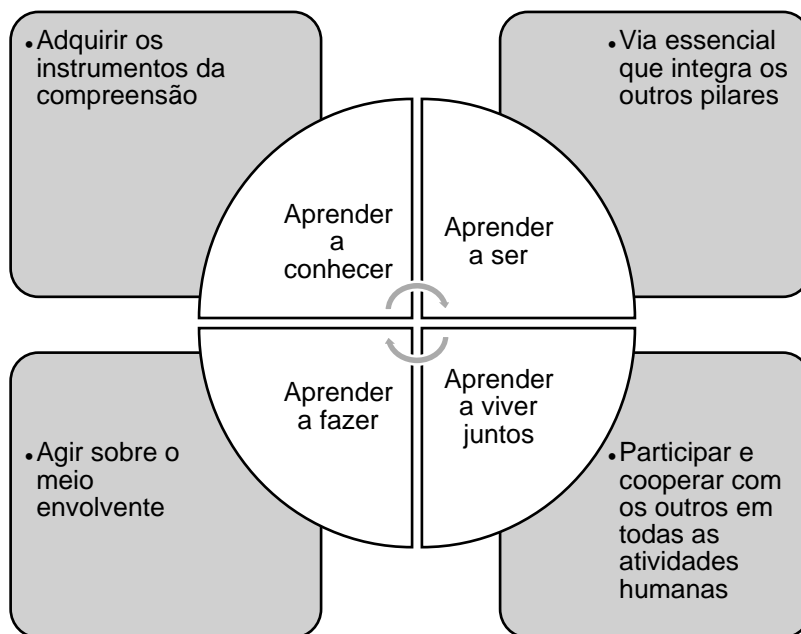
No relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Delors (2012) aborda que a educação deve se organizar sobre quatro

aprendizagens que são fundamentais, e que estas, com o passar do tempo, estabelecerão no indivíduo os quatro pilares do conhecimento: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer e aprender a viver juntos. Esses pilares não estão isolados, pelo contrário, por vezes se relacionam e trabalham conjuntamente.

Contudo, o ensino formal baseia-se principalmente sobre o aprender a conhecer e no aprender a fazer. No relatório, Delors (2012) indica que os outros pilares, aprender a ser e aprender a viver juntos, devem ser alvo de atenção, pois tem relevância na experiência global da educação para o indivíduo, e que isso trará benefícios em sua vida e como membro participante da sociedade.

Na Figura 1 demonstram-se os quatro pilares do conhecimento. Deve existir particular atenção sobre o pilar aprender a ser, que de acordo com o autor, é a via essencial para integrar os outros três pilares do conhecimento.

**Figura 1 - Os quatro pilares do conhecimento**



Fonte: Adaptado de Delors (2012)

O método construtivista vem de encontro ao que se anseia sobre as habilidades necessárias de um profissional do século XXI, é nesse contexto que a Unesco apresentou os 4 pilares da educação. De acordo com Medeiros Filho (2012), a proposta construtivista se identifica de forma ampla e relevante com os pilares.

A proposta construtivista se apresentava como solução viável, pois ela se identificava mais com a ideia de “educação”, em seu sentido mais amplo,

capaz de propiciar aos discentes uma formação mais crítica, reflexiva, capaz de gerar no discente o gosto pela pesquisa, pelo “aprender a aprender” (MEDEIRAS FILHO, 2012, p. 3).

O ensino assim migra de uma abordagem centralizada em conteúdo para uma abordagem no desenvolvimento de competências e habilidades. A escola deve então desenvolver nos discentes a capacidade de mobilizar conceitos assimilados para resolução de problemas, segundo Medeiros Filho (2012).

Partindo de uma concepção construtivista com atenção à diversidade, Zabala (1998) afirma que o professor necessita questionar diferentes sequências didáticas, a fim de reconhecer que existe validade nas propostas, ou aperfeiçoá-las ou ainda criar. O autor propõe algumas perguntas a serem observadas sobre a sequência didática.

Na sequência didática existem atividades: a) que nos permitam determinar os *conhecimentos prévios* que cada discente tem em relação aos novos conteúdos de aprendizagem? b) cujos conteúdos são propostos de forma que sejam *significativos* e *funcionais* para os meninos e as meninas? c) que possamos inferir que são adequadas *ao nível de desenvolvimento* de cada discente? d) que representem um desafio alcançável para o discente, quer dizer, que leva em conta as suas competências atuais e as façam avançar com a ajuda necessária; portanto, que *permitam criar zonas de desenvolvimento proximal* e intervir? e) que provoquem um *conflito cognitivo* e promovam *atividade* mental do discente, necessária para que estabeleça relações entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios? f) que promovam uma *atitude favorável*, quer dizer, que sejam motivadoras em relação são a aprendizagem dos novos conteúdos? g) que estimulem a *autoestima* e o *autoconceito* em relação às aprendizagens que se propõem, quer dizer, que o discente possa sentir que em certo grau aprendeu, que seu esforço valeu a pena? h) que ajudem o discente a adquirir habilidades relacionadas com o *aprender a aprender*, que lhe permitam ser cada vez mais autônomo em suas aprendizagens? (ZABALA, 1998, p. 63-64, grifo do autor).

Em seu livro, Zabala (1998) demonstra através de exemplificações de aulas, os pormenores da aplicação nas sequências didáticas. Enfatiza ao final que o principal é examinar o sentido total da sequência, e como cada atividade está se articulando com as demais, para que posteriormente o docente possa acrescentar ou modificar.

## Referências

DUARTE JR., J. F. **Brincar, jogar, tocar e atuar: conexões estéticas**. Transcrição da palestra proferida em 23/09/2011 em Aula Magna da USP, 2011. Disponível em: <<http://pibidarte.blogspot.com/2011/11/brincar-jogar-tocar-eatuar-conexoes.html>>. Acesso em: 03 mar 2020.

- FALCÃO, G. M. **Psicologia da Aprendizagem**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FIALHO, N. N. **Jogos no ensino de química e biologia**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. São Paulo: Autores Associados, 2002.
- FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. MEC – Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.
- GUIMARÃES, S. E. R.; BZUNECK, A. J.; SANCHES, S. F. **Psicologia educacional nos cursos de licenciatura: a motivação dos estudantes**. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, 11-19, 2002.
- HAYDT, R.C.C. **Curso de Didática Geral**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- HUERTAS, J. **Motivación: querer aprender**. 2ª ed. Buenos Aires: Aique, 2001.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento de cultura**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- KISHIMOTO, T. M. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 14ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCKESI, C. C. **Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade**, in: Interfaces da Educação, Cadernos de Pesquisa – Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, vol. 2, no. 1, 1998, p. 09-25.